

No dia 28 de abril de 2015 realizámos a nossa quarta prática pedagógica na Sala Amarela. Como normalmente, as crianças estavam a brincar no polivalente e quando chamadas fizeram um comboio e acompanharam-nos até à sala. A rotina manteve-se e as crianças cantaram connosco a canção dos bons-dias, saudando-nos, e preencheram o quadro do tempo.

Pudemos observar que neste dia alguém havia mexido no quadro do chefe do dia e o símbolo que lá se encontrava não correspondia ao chefe do dia. As crianças têm um símbolo que reconhecem facilmente e apesar de não saberem que o chefe do dia é escolhido por ordem alfabética, já decoraram maioritariamente a ordem e sabem quem será o próximo chefe. Nesse dia, o símbolo estava trocado e as crianças reclamaram, pois sabiam que a Vera P. não devia ser a chefe do dia. A mesma também reparou e recusou-se a preencher o quadro do tempo até percebermos que os símbolos não estavam corretos.

Depois de corrigir o erro, o chefe do dia preencheu o quadro do tempo e começámos uma conversa com as crianças acerca dos meios de transportes terrestres, aquáticos e aéreos que conheciam, assim como os seus respetivos sons. Pudemos observar que as crianças utilizavam a sua capacidade verbal e imaginação para reproduzir os sons, mais ou menos fieis à realidade, porém sem se preocuparem com a forma mais correta de o fazer.

Seguiu-se um jogo de mímica sobre o tema. Com estas idades o jogo de faz-de-conta é característico devido à recém-adquirida habilidade de utilizar representações mentais e linguagem simbólica. De acordo com Hohmann, Banet e Weikart (1979), este é o período em que as crianças se servem da sua inteligência representativa e do pensamento simbólico e as imagens mentais e as representações não-verbais devem ser privilegiadas, pois quando a criança tiver maior domínio da linguagem servir-se-á maioritariamente das representações verbais.

Começámos por explicar às crianças em que consistia o jogo e quais as suas regras. As crianças deveriam em grupos de três elementos representar o meio de transporte que tirassem de um saco. Assim, criava-se um espaço para que recriassem livremente situações do quotidiano que estão interligadas com o tema que está a ser trabalhado na sala, possibilitando à criança a exploração do corpo, voz e espaço. No entanto, nem todas as crianças fizeram a mímica como lhes foi pedido, apesar de terem vindo à frente do grupo. Mostraram muito interesse e queriam ser escolhidos, mas alguns não perceberam o jogo. Ao contrário do que pensávamos, as crianças só falaram

sob a nossa indicação, esperando pela sua vez de falar. Contudo, muitos estavam distraídos e inquietos no tapete, pelo que a atividade deveria ter sido mais curta.

A segunda parte da atividade correu melhor por ser uma atividade em grupo. O objetivo da atividade era representar transportes públicos e situações do quotidiano, desenvolvendo o Conhecimento do Mundo e Formação Pessoal e Social e indo ao encontro das áreas de conteúdos das Orientações Curriculares (Ministério da Educação, 1997). Visto que estas crianças nunca andam de autocarro, há certos comportamentos e normas que não conhecem, como comprar bilhete do autocarro e dizer bom-dia ao motorista. Os objetivos foram cumpridos e as crianças gostaram muito de realizar a atividade, pedindo repetidamente para ser o condutor ou piloto. Representaram um autocarro, um avião, um navio e, apesar de não estar previsto, um comboio, visto que as crianças pediram muito para continuar a atividade. Para que todas as crianças participassem ativamente, e para responder aos pedidos das crianças criámos outros papéis como hospedeiras ou revisores. A perceção espacial das crianças foi também desenvolvida nesta atividade, pois estas tinham que organizar-se no espaço segundo aquilo que imaginavam. Novamente surge a necessidade de avaliar a nossa intervenção através das observações (Anexo A).

Seguiu-se a formação do comboio para ir realizar a higiene, refeição, higiene oral e depois descanso. Como habitual, quando regressámos as crianças já estavam no tapete e a educadora aproveitou para conversar com as crianças e fazer um relaxamento. Seguiram-se as rotinas habituais de higiene, lanche e brincadeira livre até a chegada dos pais.

Referências:

- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. P. (1979). *A Criança em Ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Retirado de <http://santiagomaior.drealentejo.pt/site/programas/ocpe>

Anexo A – Níveis de Implicação e Bem-Estar



Figura 1 - Níveis de Implicação

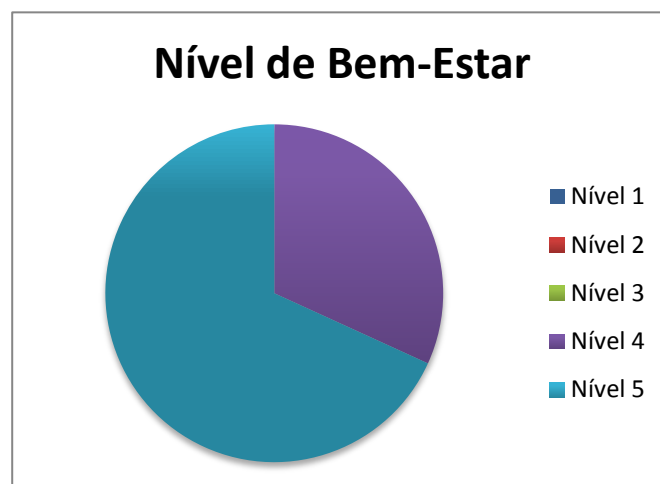


Figura 2 - Níveis de Bem-Estar